

MEMORIAL

Apontamentos para elaboração de uma
"Biografia" ou "Curriculum Vitae" de
Antonio Teixeira de Araujo-----

Nasceu a 3 de Dezembro de 1888, no lugar da Ilha, da freguesia de S. Pedro de Vilar do Paraizo, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, filho de José Teixeira e de Rosa Soares de Araujo. Era desejo destes que seu filho fôsse sacerdote mas, pobres como Job, não poderam ir além do exame de instrução primária, em matéria escolar e literária de seu filho.

Aos treze anos, o António inicia o aprendizado de Trolha e, numa manhã frígida, ajeitado por todo o ferramental do ofício, êle lá se vai apresentar em uma obra, pela primeira vez, para receber o baptismo da profissão.

Não foi feliz, e não era fácil adaptar-se a tal modo de vida. Foram trinta dias mais ou menos, em constante protesto com os pais, apresentando dois motivos fortes: os dedos dos pés e das mãos perfurados nas extremidades, motivado pelo ataque corrosivo da cal, por um lado, ^{& por outro lado,} não haver em seu entender, compatibilidade entre a profissão e a sua preparação literária. E os pais atenderam, como justos, os protestos de seu filho, e, não foi difícil colocá-lo com tipógrafo na "Tipografia Martins Barbosa" à rua de General Torres, em Vila Nova de Gaia, tendo efectuado a sua entrada em Junho de 1902, e, assim, principiou um novo ciclo na sua vida, agora alegre e esperançosa, no limiar dos seus 14 anos.

Façamos aqui uma regressão ao passado, para focar pormenores da vida do infante, sob a obediência de seus pais, simples e bons católicos; não quizeram ^{estes} deixar que seu filho ficasse isento da comunhão geral, ²⁾ para tal o prepararam, tendo este feito aquele acto com brilho e merecendo as honras do discurso da Oração de Obediência que o rictual do acto impõem. Deste acto, através da sua vida, desde a sua inocência infantil até depois da sua adolescência e consciência do valor das coisas e dos actos, uma recordação ficou, recordação bem estranha, verificada no acto da "Confissão Auricular" a que foi submetido, como é uso e costume.

Durante muito tempo, anos até, viveu na crença de que o que se passou entre êle e o sacerdote, novo, à volta dos seus vinte e cinco anos, teria sido um abuso de autoridade, abuso de mister, abuso de responsabilidade individual mas, os anos e o direito de dispor do livre exame, vieram, dar-lhe a consciência, a par da independência de raciocínio, e poder afirmar de que o que se passou foi um passo imposto e fazendo parte do ritual obrigatório da "Confissão Auricular" que é imposto nos Seminários aos seminaristas como fazendo parte do direito de devassa com que os Sacerdotes ficam sobre os que a seus pés se ajoelham, tanto adolescentes como e em especial meninas e mulheres! sejam casadas ou solteiras.

Estamos dissertando, esquecendo quasi o pormenor que tal originou. Historiemos o que foi verídico e se encaixou por estranho, na sua memória.

Ajoelhado, em frente ao sacerdote, depois das orações impostas, pronunciadas a rogo deste, alterando a ordem das perguntas, toma o character de examinador:



"Diz-me menino, tu fazes coisas a ti próprio?" -E o menino, ruborizando as faces, responde que não senhor. -O sacerdote insiste: "E aos outros meninos e meninas, quando brincas?" "Metes-lhe as mãos por entre pernas, em especial às meninas, fazendo-lhe cócegas? -Não senhor, responde ainda o menino, deixando a consciência pesarosa, por mentir, mas, evitando a devassa de uma intromissão atrevida e injustificável, segundo o raciocínio do menino aos dez anos. -E o sacerdote, que com estas perguntas pretende ser o anjo ~~da guarda~~ moralizador, conclue por aconselhar e fazer sentir ao menino "que faz mal e enfraquecem tais procedimentos". Não se desvanecem da memória factos da vida como estes, e, com o rolar dos anos, o raciocínio foi classificando a enormidade dos processos libidinosos da religião, conspurcando a presença da primeira infância. Os anos vão correndo e, ao atingir os catorze anos como atrás se disse, o adolescente dá entrada numa oficina tipográfica de Gaia, onde adquire conhecimentos de ordem geral, isto é, de compositor e impressor simultaneamente, onde se conserva durante dois anos, transferindo-se para a Tipografia Académica, à Praça da Batalha, no Porto, onde se conserva até Março de 1907, data em que transita para a Tipografia Santos, à rua das Flores 62, onde se conservou em trabalho efectivo, desde 19 de Março de 1907, a tempo recorde de vinte anos e quatro meses.

Depois desta longa permanência, transita por outras oficinas, agora acumulando as funções de impressor tipográfico com as de dirigente e encarregado, procurando fazer vida de sacerdote e de pedagogo, na ânsia de melhorar através da vida, a posição material no Sociedade.

Aos quinze anos, deu entrada nos quadros Sindicais



da Associação Profissional, a antiga e extinta "Liga das Artes Gráficas do Porto" antecessora do actual Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos. Nesta data subscreveu um título de uma acção da antiga e extinta "Cooperativa Gráfica do Porto" .

Decorre o ano de 1908 e, em contacto com alguns colegas gráficos desempoeirados, entre os quais Viriato Alves Rente, compositor fantasista de valor, já falecido, relacionando-se por intermédio deste, com alguns pensadores do Socialismo Libertário, tais como Serafim Cardoso Lucena, Clemente Vieira dos Santos, Antonio Alves Pereira e outros, relações que o levaram a constituir com outros elementos afins, em Coimbrões-Gaia, o "Grupo Libertário Verdade e Luz" que, durante anos, espalhou com a sua acção, pelo povo, Luz e Verdade, mercê de conferências, sessões públicas e mantendo na sua sede uma Escola Livre para a juventude escolar do lugar. De seguida, com João Sertier, já falecido, e outros, funda em Coimbrões o "Ateneu Sindicalista" agrupamento de cultura e formação de militantes, a ela se juntando Aurelio da Cunha Guimarães, já falecido, Frederico Jobling, Mário de Carvalho e outros. Esta acção individual, aliada aos seus numerosos camaradas, já é exercida nos primeiros tempos da República, cerca de 1915.

Toma parte activa na greve geral dos tipógrafos do Porto, sob a égide da Liga das Artes Gráficas da mesma cidade movimento este que se prolongou durante dois meses, terminando # com a vitória total e assinatura da portaria que reforçou o artigo 4 - N.º.3 da Lei N.º.296 de 22 de Janeiro de 1915, que promulgou para as industrias toxicas e insalubres o regime de oito horas de trabalho, sendo os tipógrafos os iniciadores da greve e

portanto os obreiros desta aspiração, que veio beneficiar numerosas actividades industriais.

Este movimento, com características de unidade e coesão nunca observada, deve-se à direcção extra-Sindical à margem do organismo profissional, de um grupo numeroso, o chamado "Grupo do 12 (doze)" a élite da classe, de que fez parte António Teixeira de Araújo grupo este que, pela sua acção e exemplo, editando constantemente esclarecidos manifestos que distribuía à classe, foi a vibração e a alma que galvanizou e levou à vitória, pela acção e sacrifício de todos. São ainda vivos parte dos componentes deste grupo,

Como sempre, o homem multiplica-se e subdivide-se em numerosas actividades, todas atinentes ao fim em vista; a libertação da espécie de todas as tiranias e exploração, visando um mundo de melhor compreensão e equidade entre todos os seres e, para tal desideratum, os obreiros das aspirações sociais, lançam mãos de todos os recursos, que se lhe afiguram próprios e justos, tais como:

O manifesto, a conferência e os discursos, bem como a palavra escrita, em artigos em jornais e revistas de caracter social e profissional, sendo, nestas indicadas modalidades, vasta a sua actuação. Data de 1916 o seu primeiro artigo de crítica, sob a epígrafe "As festas do Boi Apis"? e, até ao presente deve ter produzido umas boas centenas de escritos, com diversíssimo caracter, sobre economia, crítica social, pedagogia industrial gráfica, doutrina, em jornais e revistas, parte sem rubrica, alguns com asterísticos xxx e a maior parte sob as rubricas:

"Grafique ATA"

António Teixeira



Gonçalo Alves

A.T.

Germinal Silva

A.Teixeira

Júlio Valério

Orlando Teixeira

Souvarine

Teixeira Araújo

Herculanos

Armando Ribeiro

António de Araújo

Araújo Alves

Antão Araujo

Ateu.

C.Ateu.

ATA.

Ataíde Júnior

Artur Tavares Aleixo

António Teixeira de Araújo

Maximine Mata.

I. Atalaia

Atila.

A sua colaboração encontra-se dispersa em jornais e revistas, tais como: Jornal de Felgueiras, e no Gráfico, em numerosos assuntos, um dos quais sobre o 1.º centenário de Libâneo da Silva, 1859-1954 -Outubro 1954- e noutros sobre Previdência e considerações Postumas sobre o saudoso Manuel Pedro.

Toda a sua obra escrita sobre Pedagogia industrial e Profissional (Gráfica), se encontra arquivada na Revista Gráfica, do Porto, nos números que vão de Julho de 1931 a Fevereiro de 1936, de 1 a 61, arquivando ainda escritos sobre crítica e doutrinação. Também é repositório do seu esforço a Revista Mensal que se publicou em Barcelona "El Mercado Poligrafico", e outra colaboração está dispersa nos jornais "A Batalha", Vanguarda, Gazeta do Sul, Aurora, A Comuna, e Revista Aurora e Jornal de Felgueiras.

Na sua mudança de residência de Gaia para o Porto, Teixeira de Araújo ingressou no Grupo Social "Propaganda Libertária" editor dos jornais "Aurora", "A Comuna" e "Revista Aurora".

Acumulando, como sempre, o seu esforço era desenvolvido simultaneamente quer nos jornais, quer no Sindicato, e ainda nas delegacias aos organismos federativos, Congressos e conferências. Tendo sido por diversos períodos primeiro secretário do organismo profissional: a Liga das Artes Gráficas, do Porto, durante anos, e, em virtude do cargo e do dever foi delegado ao Conselho Inter-Federal da Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e delegado à U.O.N. (União Operária Nacional) delegado à Câmara Sindical do Trabalho do Porto (União dos Sindicatos) e delegado à CGT (Delegação Confederal do Norte).

Durante alguns anos exerceu o cargo de Editor, Administrador e Director, por períodos diferentes de tempo, dos jornais: "Aurora", "A Comuna", dentro do transcurso dos anos I a VII da "A Comuna" até à "Revista Aurora" de doutrinação Libertária e Crítica, mensário de 16 páginas, da qual foi administrador, e que se publicou desde o Nº.1 ao 14, e que foi suspensa pelas autoridades como toda a imprensa Libertária e Sindicalista, cerca de 1932, data em que também os Sindicatos Autónomos Livres, que funcionavam orientados pela tendência politico-Social dos Congressos de Saint-Imier de 1872, foram selados, dissolvidos e reconstituídos em Sindicatos Nacionais de influência estatal. Dentro do período de actividade sindical entre os anos de 1915 a 1930, foi ainda delegado ao Congresso Confederal de 1925, e Federal -2º, dos Trabalhadores do Livro e do Jornal- do mesmo ano em Santarém, de 23 a 27 de Setembro, onde apresentou uma tese de colaboração com Antonio Alves Pereira, delegado da Associação dos Litógrafos do Porto, tese que tratava dos Conselhos Técnicos e de Oficina.

A este Congresso Confederal assistiram 135 sindicatos, com representação deliberativa, 11 Federações de Industria

e 5 Uniões de Sindicatos; foi também representada a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) por Armando Borghi, operário gráfico italiano. Assistiu como delegado da ~~da~~ Federação Gráfica, à Conferência Gráfica do Porto, onde submeteu teses que a imprensa publicou, e ainda como delegado do grupo "Propaganda Libertária" ao Congresso Anarquista de Alenquer e delegado também à Conferência Anarquista de Lisboa.

Foi ainda orientador da Escola de Militantes da Associação dos Tanoeiros em Vila Nova de Gaia, Árbitro em conflitos sociais e sindicais, entre operários em greve com o patronato, designadamente entre os gráficos e os industriais de Guimarães, movimento solucionado com um pequeno aumento de salário ao fim de oito dias. Greve entre os Mineiros de Lousa de Valongo, com vitória parcial. Greve entre o Pessoal e Empresa de Carrinhos de Linha Coats & Clark em Vila Nova de Gaia. Depois de 1932 foi reduzida a actividade deste inconformista quer sindical, quer doutrinária e escrita, mercê das circunstâncias politico-sociais vigentes.

Mas, não era fácil a este lutador conformar-se com a inactividade imposta e, então, aceitou o condicionalismo imposto pela Lei de Imprensa e pela Censura, e, mesmo assim, nem sempre as suas opiniões e considerações foram arquivadas em letra de forma! E agora...

Será muito, será pouco, o que este modesto e irreverente fez em prol da colectividade ?

Não o pode dizer a pequena biografia relatada nesta meia duzia de folhas de papel! O raciocínio levará a compreender de que esta matéria aqui relatada, são apontamentos serenos que, desdobrados, dariam milhares de páginas de acção maci-



ça descrita com claresa e sem laconismo ou reserva e que é o esforço de uma vida ao longo de uma estrada igual a 14 lustros!

Mas como quem segue a sua vocação predilecta voluntariamente, sem coacção ou imposição estranha, por certo se disporá para colher da sua acção rosas e espinhos e, assim é que, nunca as autoridades estiveram de acôrdo com a sua actividade, pelo que por tais motivos, o encerraram por três vezes nas prisões do Estado; a primeira por se insurgir contra os empreiteiros da Guerra, a segunda por abuso de imprensa clandestina contra os abusos da Ditadura em 1932, com a imposição da Lei dos 2 %, e a terceira por igual motivo em 1937, sendo amnistiado ! em 1940, por ocasião dos Centenários... duma pena que já estava cumprida!...seis meses antes!

Porto, 14 de Julho de 1959

(António Teixeira de Araújo)

AJA.

